Vozes Olhares Silêncios

diálogos transdisciplinares entre a lingüística aplicada e a tradução

Denise Scheyerl, Elizabeth Ramos
(organizadoras)

SALVADOR, 2008





San Bernardo: os tradutores invisíveis

Silvia La Regina
Universidade Federal da Bahia (UFBA)

Costuma-se dizer, com muita propriedade, que o primeiro leitor de um texto é o seu autor – e que cada releitura, normalmente, corresponde a uma nova versão, por vezes quase imperceptivelmente diferente, por vezes um texto *outro* que, principalmente para autores que burilaram incansavelmente suas obras (pensemos, por exemplo, em Guimarães Rosa, ou ainda Torquato Tasso ou Manzoni), se configura como um *work in progress* infinito ou assume feições cada vez mais distantes das primeiras versões. Por isso, não só sob a perspectiva da crítica genética justificam-se a leitura e o estudo das diferentes etapas, cada uma por si, como vozes afinadas e organizadas numa rica polifonia.

Da mesma forma, cada leitura é também tradução – como já dizia Herder, ainda na segunda metade do século XVIII (HERDER apud OSIMO, 2004, p. 4-5): "portanto só o leio [Homero] realmente como se eu estivesse a ouvi-lo, como se estivesse a traduzi-lo para mim", e como escreveu também Pirandello, para quem cada releitura do texto correspondia a uma diferente tradução – porque obviamente cada leitura corresponde a uma interpretação. E o que mais é a tradução se não interpretação?

Assim, a leitura de um texto num outro idioma, ainda que seja – ou principalmente quando for – um idioma que conhecemos bem, embora não como *nosso*, acarreta, quase inevitavelmente, uma primeira tradução mental: a leitura no outro idioma e, contemporaneamente, a tentativa de transposição, para maior compreensão e aproximação, implica um processo de afastamento da língua-mãe ("madrelingua"), para abordar aquela que o tradutor italiano, Riccardo Duranti, chamou de "moglie-lingua" (DURANTI *apud* GOLDONI,



1999, p. 26). Talvez com menor freqüência acontece também o inverso, isto é, ao lermos uma tradução, procuramos imaginar, descobrir o texto-fonte, sempre comparando, aprovando, sugerindo, silenciosa ou ruidosamente, alterações e mudanças (por vezes anotadas como *marginalia* no próprio livro). Porque, novamente, todo leitor é tradutor *in pectore*, ainda que nem todos os leitores exerçam, concreta e editorialmente, a tradução.

Quanto ao âmbito das relações literárias Brasil-Itália, ou, de forma mais abrangente, entre países de língua portuguesa e a Itália, a receptividade italiana, relativamente às traduções do português, tem crescido muito. Se o carro-chefe dos autores portugueses continua sendo José Saramago – com uma presença forte de Lobo Antunes, Cardoso Pires e, naturalmente, Fernando Pessoa, entre outros – a novidade é constituída pelos autores africanos de expressão portuguesa, a exemplo de Pepetela e Mia Couto e muitos outros (inclusive em antologias e coletâneas de prosa e poesia[1]). Vale lembrar que as literaturas em português, como um todo, foram homenageadas na feira do livro de Turim de 2006. Quanto ao Brasil, não só Jorge Amado – ainda hoje, possivelmente, o preferido, com praticamente toda sua obra publicada em italiano – e Machado de Assis, Clarice Lispector e o infalível Paulo Coelho, Jô Soares e Guimarães Rosa – a demonstrar certa vocação eclética dos leitores italianos – mas, também, Bernardo Carvalho e Chico Buarque, Paulo Lins e Ana Miranda, Rubem Fonseca e João Ubaldo Ribeiro estão traduzidos. Existem curiosidade e interesse pela literatura brasileira, num país que sempre traduziu muito e que, a partir da década de 60, conheceu um fascínio crescente pela América Latina de maneira geral.

Há uma tradição de bons tradutores do português, como Giuliana Segre Giorgi, que traduziu, impecavelmente, entre outros, *Macunaíma*, e Edoardo Bizzarri, famoso tradutor de *Grande sertão: veredas*, *Corpo de baile* e de *Vidas Secas*.

Aqui, cheguei ao ponto que pretendia alcançar, neste artigo: as traduções de Graciliano na Itália.

Vidas Secas conheceu, até hoje, três diferentes edições, com três títulos diferentes – a última, publicada em 1993 pela finada Biblioteca del Vascello, pequena editora que dava bastante espaço aos autores brasileiros, foi intitulada, mais literalmente, *Vite secche*, enquanto as outras, publicadas na década de 60, eram *Terra bruciata* e *Siccità* – embora com o mesmo texto traduzido no corpo do livro. Bizzarri, como sempre fazia, colocou um pequeno glossário no final

da obra – exemplar permanece o de *Grande sertão: veredas*, numerosas páginas nas quais, é sabido, Bizzarri utilizou também as informações detalhadas de Guimarães Rosa, com quem manteve intensa correspondência, durante muitos anos (ROSA, 1981) assim como, aliás, os tradutores para o alemão, para o inglês e para o espanhol. Angústia, de Graciliano Ramos, foi publicado como *Angoscia* pela editora Fratelli Bocca de Milão, ainda em 1954, traduzido por Franco Lo Presti Seminerio e, ao que sei, nunca foi reeditado. *São Bernardo* foi traduzido em 1993 pela editora Bollati Borighieri de Turim, especializada em obras de psicanálise (as obras completas de Freud e Jung, entre outros), psicologia, filosofia, antropologia e que publica a coleção Varianti de textos narrativos de autores relativamente pouco conhecidos na Itália – como Elizabeth von Arnim – ou de obras menos conhecidas de autores famosos, como Wells ou Doris Lessing. Curiosamente, o único texto brasileiro, traduzido do português, é *São Bernardo*.

Deste romance há numerosas traduções:

Título	**País**	**I trad**	**Tradutor (es)**
São Bernardo: Roman	Alemanha	1960	Wilhelm KellerBerlin, 1962; Frankfurt, 1965
São Bernardo	Finlândia	1961	Maija Westerlund
Emberfarkas	Hungria	1962	Benyhe János (1980)
São Bernardo: a novel	Inglaterra	1975	R. L. Scott-Buccleuch
São Bernardo	França	1986	Geneviève Leibrich
San Bernardo	Venezuela	1980	Saul Ibargoyen Islãs
San Bernardo	Itália	1993	Luís Fernando Oliveira da Fonseca e Gianni Perlo
São Bernardo. Roman	Holanda	1996	August Willemsen

Não consegui informações a respeito dos dois tradutores para o italiano Luís Fernando Oliveira da Fonseca e Gianni Perlo que não constam do catálogo, nem mesmo da biblioteca nacional de Florença, mas soube que, em 1999, Perlo já havia morrido. Aparentemente, os dois – ao que tudo indica, um brasileiro e um italiano – não traduziram outros livros. É possível, e esta minha hipótese pode ser falível, que não fossem tradutores profissionais, apesar da qualidade do trabalho que apresenta raros equívocos e muitas soluções sensatas, para as numerosas questões geradas pela prosa de Graciliano e especificamente de *São Bernardo*. A sensação, porém, é de que a invisibilidade dos tradutores

foi excessiva e sua tentativa de traduzir tudo corretamente – com a exclusão dos termos que foram deixados em português, aos quais voltarei um pouco mais adiante – com boa competência nos dois idiomas, acabou produzindo um italiano excessivamente *standard*, como nestes dois exemplos:

Edição brasileira	**Edição italiana**		
I, 9	I, 10	Você acanalhou o troço.	*Hai rovinato tutto.*
I, 9	I, 11	O mingau virou água	*È andata male*

Observa-se que o procedimento adotado é o oposto àquele escolhido pelo tradutor do mesmo romance para o espanhol, como podemos ver no trabalho de Cecília Aguirre, aqui publicado. Os tradutores para o italiano optaram por domesticar as metáforas – ainda que haja exemplos como estes:

Ed. bras.	**Ed. it**		
I, 8	I, 9	O otimismo levou água na fervura	*I bollori dell'ottimismo si raffreddarono*
III, 24	III, 22	Estava no pau da arara	*Si trovava in cattive acque*

A opção por paráfrases torna o texto, por vezes, um tanto insosso:

Ed. bras.	**Ed. it**		
III, 17	III, 17	Na hora da onça beber água	*Al momento di venire al dunque*
III, 18	III, 18	Morre na faca cega	*Fa proprio una brutta fine*
III, 18	III, 18	Não bebia água na ribeira do navio	*Che non era il tipo da trovarsi bene lì*
IV, 28	IV, 25	Se eu mandar o Nogueira tocar fogo na binga	*Se io do il via a Nogueira*

Novamente, deve ser dito que a tradução flui, quase não apresenta problemas – os poucos casos, evidentemente, foram gerados por descuido, ou falta de revisão, como a tradução de "Digo a mim mesmo que esta pena é um objeto pesado" (RAMOS, 2004, II, p. 14) por "Dico a me stesso che questa

pena è un oggetto pesante" (RAMOS, 1993, II, 13) ou a tradução de *velhaco* por *vecchiaccio* (RAMOS, 1993, III, 17).

Houve, talvez por imposição da editora, a opção de não inserir glossário, ou notas de roda-pé, assim como falta um prefácio ou uma introdução que contextualize o autor. Com relação às notas, deve ser dito que, muitas vezes, as editoras não gostam que sejam usadas e pedem para que os termos a serem explicados entrem num glossário ou, de preferência, sejam explicitados ao longo do próprio texto, para que este não tenha a aparência de trabalho acadêmico.

Assim, nesta tradução foram mantidos em português vários termos de difícil adaptação – por exemplo, plantas e termos relativos ao meio ambiente, como *mandacaru*, *quipá, alastrado, rabo-de-raposa*; *sertão* ou moedas, como *conto*, *réis*, *tostões*, ou da vida cotidiana, como *cachaça* – impedindo que o leitor possa ter idéia do que se trata, por não haver, como já dito, um glossário. Os antropônimos e os topônimos foram mantidos, evitando assim monstruosidades como a escolha de Manuelzone, na tradução de outra forma belíssima, de *Corpo de baile*, de Bizzarri. Termos mais regionais, como *caboclo*, *matuto*, *sarará*, muito presentes, de forma geral foram traduzidos. Eis um exemplo da tradução de um trecho cheio de regionalismos, e, de fato, de dificílima tradução:

"Numa sentinela, que acabou em furdunço, abrequei a Germana, cabritinha sarará danadamente assanhada, e arrochei-lhe um beliscão retorcido na popa da bunda. Ela ficou-se mijando de gosto" (III, 16).	"In una veglia funebre, finita poi in baldoria, ho abbrancato Germana, una mulatta dai capelli biondi terribilmente indiavolata, e le ho affibbiato un pizzicotto ritorto nel mezzo di una chiappa. Lei se l'è fatta addosso dal piacere". (III, 16).

A síntese, tão peculiar à prosa seca de Graciliano, só às vezes foi mantida. Veja-se aqui, na mesma frase, duas atitudes diferentes: "Muito por baixo. Pindaíba" (IV, 29) "Periodo nero. Non ho il becco di un quattrino" (IV, 26).

A escolha do tratamento formal *Lei*, perfeitamente aceitável, fez, na minha avaliação, com que o texto soasse um pouco culto demais, excessivamente urbano. Talvez tivesse sido preferível o uso de *voi*, que ainda hoje é usado no interior e no campo da Itália. "Ou [o senhor] paga, ou eu mando sangrá-lo devagarinho": "O lei paga subito o la faccio sbudellare pian pianino".

Finalmente, a tradução de *São Bernardo* para o italiano pode ser considerada como extremamente respeitosa ao texto e à compreensão do leitor, embora



um pouco distante da cultura nordestina e de suas especificidades. Por vezes, tem-se a sensação, como observava Bizzarri em relação a algumas traduções de *Grande sertão: veredas*, de se estar entrando num "giardino all'italiana" ao invés do sertão ou, como neste caso, de uma fazenda de Alagoas.

Notas

1 P.ex. José Eduardo Agualusa, *La congiura*, a cura di Livia Apa, Pironti, Napoli, 1997; Mia Couto, *Terra sonnambula*, a cura di Matteo e Fernanda Angius, Guanda, 1999; Pepetela, *Mayombe*, a cura di Anna Maria Gallone, Edizioni Lavoro, Roma, 1989, e vários outros.

Referências

GOLDONI, Annalisa. Il lettore con la penna in mano. **Traduttologia**, n.1, p.17-30, 1999.

OSIMO, Bruno. **Manuale del traduttore**. Milano: Hoepli, 2004.

RAMOS, Graciliano. **São Bernardo**. 80. ed. Rio de Janeiro: Record, 2004.

______. **San Bernardo**. Traduzione di Luís Fernando Oliveira da Fonseca e Gianni Perlo. Torino: Bollati Boringhieri, 1993.

ROSA, João Guimarães. **Correspondência com seu tradutor italiano Edoardo Bizzarri**. São Paulo: Queiroz: Instituto Ítalo-Brasileiro, 1981. Reeditado em 2003 pela Nova Fronteira em parceria com a editora da UFMG.